

CELSO FURTADO

FORMAÇÃO  
ECONÔMICA  
DO BRASIL

AGENS  
INDES



Companhia  
Editora Nacional

# **QUARTA PARTE**

ECONOMIA DE TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO  
ASSALARIADO

SÉCULO XIX

## Capítulo XVI

### O MARANHÃO E A FALSA EUFORIA DO FIM DA ÉPOCA COLONIAL

O último quartel do século XVIII constitui uma nova etapa de dificuldades para a colônia. As exportações, que em torno de 1760 se haviam aproximado de 5 milhões de libras, pouco excedem em média, nos últimos 25 anos do século, os 3 milhões. O açúcar enfrenta novas dificuldades e o valor total de suas vendas desce a níveis tão baixos como não se havia conhecido nos dois séculos anteriores<sup>73</sup>. As exportações de ouro, durante esse período, promediaram pouco mais de meio milhão de libras. Enquanto isso a população havia subido a algo mais de 3 milhões de habitantes. A renda per capita, ao terminar o século, provavelmente não seria superior a 50 dólares de poder aquisitivo atual — admitida uma população livre de 2 milhões —, sendo esse provavelmente o nível de renda mais baixo que haja conhecido o Brasil em todo o período colonial<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> Os dados relativos às quantidades e preços do açúcar foram cuidadosamente reunidos por R. Simonsen. É possível, entretanto, que esses dados não traduzam com exatidão a situação da economia açucareira, no correr do século XVIII, apresentando-a mais favorável do que na verdade foi. Com efeito, Simonsen utiliza as cotações do açúcar bruto em Londres sem levar em conta que a lei de 1739, que reservou o mercado inglês para o açúcar das colônias da coroa britânica, teve por efeito elevar os preços na Inglaterra com respeito às cotações internacionais. "The effect and significance of the act of 1739 lay in its power to raise the price of sugar in the British Market" (...). Os produtores das Antilhas inglesas, ao beneficiar-se dos preços de monopólio que gozavam no mercado inglês — mercado esse em rápida expansão no século XVIII —, desinteressaram-se das exportações, o que permitiu ao açúcar do Brasil recuperar alguns mercados. Veja-se F. W. Pitman, *The Development of the British West Indies*, Oxford, 1947, p. 170.185-87.

<sup>74</sup> Admitindo-se, para um ano favorável do final do século XVIII, um valor de exportações de 4 milhões de libras e supondo-se otimisticamente que o valor das exportações representava apenas a quarta parte da renda, deduz-se que esta estaria em torno de 16 milhões de libras, ou seja, aproximadamente 100 milhões de dólares atuais. Para uma população livre de cerca de 2 milhões

Observada em conjunto, a economia brasileira se apresentava como uma constelação de sistemas em que alguns se articulavam entre si e outros permaneciam praticamente isolados. As articulações se operavam em torno de dois polos principais: as economias do açúcar e do ouro. Articulada ao núcleo açucareiro, se bem que de forma cada vez mais frouxa, estava a pecuária nordestina.

Articulado ao núcleo mineiro estava o *hinterland* pecuário sulino, que se estendia de São Paulo ao Rio Grande. Esses dois sistemas, por seu lado, ligavam-se frouxamente através do rio São Francisco, cuja pecuária se beneficiava da meia distância a que se encontrava entre o Nordeste e o centro-sul para dirigir-se ao mercado que ocasionalmente apresentasse maiores vantagens. No norte estavam os dois centros autônomos do Maranhão e do Pará. Este último vivia exclusivamente da economia extrativa florestal organizada pelos jesuítas com base na exploração da mão de obra indígena. O sistema jesuítico, cuja produtividade aparentemente chegou a ser elevada mas sobre o qual não se dispõe de muitas informações — a Ordem não pagava impostos nem publicava estatísticas —, entrou em decadência com a perseguição que sofreu na época de Pombal. O Maranhão, se bem constituísse um sistema autônomo, articulava-se com a região açucareira através da periferia pecuária. Dessa forma, apenas o Pará existia como um núcleo totalmente isolado. Os três principais centros econômicos — a faixa açucareira, a região mineira e o Maranhão — se interligavam, se bem que de maneira fluida e imprecisa, através do extenso *hinterland* pecuário.

Dos três sistemas principais, o único que conheceu uma efetiva prosperidade no último quartel do século foi o Maranhão. Essa

---

a renda per capita estaria em torno de 50 dólares. Este dado constitui uma simples indicação, pois o conceito mesmo de renda só com muita reserva se pode aplicar a uma economia em que grande parte do produto não se integra no setor monetário.

região se beneficiou inicialmente de uma cuidadosa atenção do governo português, a cuja testa estava Pombal, então empenhado em luta de morte contra a Ordem dos Jesuítas. Os colonos do Maranhão eram adversários tradicionais dos jesuítas na luta pela escravização dos índios. Pombal ajudou-os criando uma companhia de comércio altamente capitalizada que deveria financiar o desenvolvimento da região, tradicionalmente a mais pobre do Brasil<sup>75</sup>. Tão importante quanto a ajuda financeira, entretanto, foi a modificação no mercado mundial de produtos tropicais, provocada pela guerra, de independência dos EUA e logo em seguida pela Revolução Industrial inglesa. Os dirigentes da companhia perceberam desde o início que o algodão era o produto tropical cuja procura estava crescendo com mais intensidade, e que o arroz produzido nas colônias inglesas e principalmente consumido no sul da Europa não sofria restrição de nenhum pacto colonial. Os recursos da companhia foram assim concentrados na produção desses dois artigos. Quando os principais frutos começavam a surgir, ocorreu, demais, que o grande centro produtor de arroz foi excluído temporariamente do mercado mundial em razão da guerra de independência das colônias inglesas da América do Norte. A produção maranhense encontrou, assim, condições altamente propícias para desenvolver-se e capitalizar-se adequadamente. A pequena colônia, em cujo porto entravam um ou dois navios por ano e cujos habitantes dependiam do trabalho de algum índio escravo para sobreviver, conheceu excepcional prosperidade no fim da época colonial, recebendo em seu porto de cem a 150 navios por ano e chegando a exportar 1 milhão de libras.

Excluído o núcleo maranhense, todo o resto da economia colonial atravessou uma etapa de séria prostração nos últimos

---

<sup>75</sup> Ao ajudar os colonos, Pombal não os apoiou em seus propósitos de escravização dos índios. Coube, na verdade, a esse estadista, eliminar de vez as formas abertas e disfarçadas de escravidão do indígena em terras brasileiras. A ajuda financeira permitiu a importação em grande escala de mão de obra africana, o que modificou totalmente a fisionomia étnica da região.

decênios do século. Na região do ouro, a depressão é particularmente profunda e se estenderá pela primeira metade do século seguinte. Essa decadência afeta indiretamente a região pecuária do sul, a qual atravessará prolongado período de dificuldades internas. Contudo, um conjunto de fatores circunstanciais deu à colônia, no começo do século XIX, uma aparência de prosperidade, tanto maior quanto a transferência do governo metropolitano e a abertura dos portos, em 1808, criaram um clima geral de otimismo.

O último quartel do século XVIII e os primeiros dois decênios do seguinte estão marcados por uma série de acontecimentos políticos que tiveram grandes repercussões nos mercados mundiais de produtos tropicais. O primeiro desses acontecimentos foi a guerra de independência dos EUA, a cujos reflexos indiretos na região maranhense já nos referimos. O segundo foi a Revolução Francesa e os subsequentes transtornos nas suas colônias produtoras de artigos tropicais. Por último vieram as guerras napoleônicas, o bloqueio e o contrabloqueio da Europa, e a desarticulação do vasto império espanhol da América.

Em 1789 entrou em colapso a grande colônia açucareira francesa — que era Haiti. Nesse pequeno território estavam concentrados quase meio milhão de escravos que se revoltaram e destruíram grande parte da riqueza ali acumulada, modificando a situação do mercado do açúcar. Abre-se, assim, para a região açucareira do Brasil, nova etapa de prosperidade. O valor das exportações de açúcar, com efeito, mais que duplica na etapa das guerras napoleônicas. A atividade industrial na Inglaterra é intensa durante esses anos de guerra, e a procura de algodão cresce fortemente. Seguindo o Maranhão, o Nordeste dedica recursos à produção desse artigo. As dificuldades surgidas nas colônias espanholas também repercutem no mercado de produtos tropicais e couros. Dessa forma, praticamente todos os produtos da colônia se

beneficiam de elevações temporárias de preços. O valor total da exportação de produtos agrícolas praticamente duplica entre os anos 80 do século XVIII e o fim da era colonial, aproximando-se dos 4 milhões de libras. Entretanto, essa prosperidade era precária, fundando-se nas condições de anormalidade que prevaleciam no mercado mundial de produtos tropicais. Superada essa etapa, o Brasil encontraria sérias dificuldades, nos primeiros decênios de vida como nação politicamente independente, para defender sua posição nos mercados dos produtos que tradicionalmente exportava.